

IV SEMANA DO CONHECIMENTO

COMPARTILHANDO E FORTALECENDO REDES DE SABERES

6 A 10 DE NOVEMBRO DE 2017



Marque a opção do tipo de trabalho que está inscrevendo:

Resumo

Relato de Caso

UM OLHAR ENUNCIATIVO PARA A RELAÇÃO ENTRE ESCRITA E REESCRITA DE TEXTOS EM SALA DE AULA

AUTOR PRINCIPAL: Cristiane de Oliveira Eugenio

CO-AUTORES:

ORIENTADOR: Patrícia da Silva Valério

UNIVERSIDADE: UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

INTRODUÇÃO:

Um dos gêneros textuais mais produzidos pelos alunos do Ensino Médio é o dissertativo argumentativo. No entanto, nem todos os professores desenvolvem a mesma metodologia na correção dessas redações. Diante desse aspecto, o objetivo deste trabalho é reforçar a necessidade de uma correção textual-iterativa através de bilhetes orientadores (RUIZ, 1998) que visem à reescrita de textos, analisando esse processo através de um olhar enunciativo (BENVENISTE, 2005), observando a relação que se estabelece entre a escrita do aluno, a intervenção do professor e a reescrita desse texto, identificando, dessa forma, o posicionamento desses sujeitos como “eu” e “tu” em relação aos enunciados construídos.

DESENVOLVIMENTO:

O processo de escrita tomado como um enunciado pressupõe um diálogo entre escritor e leitor, constituídos como o eu e o tu da enunciação. Neste nível, conforme Fiorin (2003, p.163), o “eu” e o “tu” são instalados no enunciado, sendo chamados de enunciador e enunciatário, sendo que “enunciador e enunciatário correspondem ao autor e leitor implícitos ou abstratos, ou seja, à imagem do autor e do leitor construídas pela obra.”.

Não obstante, a fim de que esse texto se torne coeso e coerente e esteja de acordo com os princípios de textualidade que o constituem como tal, carece de avaliações, escritas e reescritas. Esse processo de avaliação textual-iterativa, proposto por Ruiz (1998), lança mão de bilhetes orientadores para instruir o aluno da necessidade de adequações tanto semânticas quanto sintáticas, através de pequenos textos instrucionais com vistas à reescrita.

IV SEMANA DO CONHECIMENTO

COMPARTILHANDO E FORTALECENDO REDES DE SABERES

6 A 10 DE NOVEMBRO DE 2017



Ao estabelecer-se como o “eu” do texto o qual se dirige a um “tu” posicionado como o aluno: receptor/leitor do seu enunciado e tendo a intenção de influenciá-lo em uma determinada situação de enunciação, o professor enquadra o bilhete orientador no plano do discurso, em razão de que não há discurso sem que o outro esteja envolvido, como afirma Benveniste (2005, p.27) “Cada locutor não pode propor-se como sujeito sem implicar o outro”. Além disso, ao situar-se como eu que compreende a sequencialidade injuntiva instrucional dos bilhetes orientadores, o professor projeta no aluno a certeza de que este disponha da mesma performance para compreender o texto em sua totalidade e executar o processo de reescrita com as adaptações necessárias.

Portanto, é necessário reconhecer no bilhete orientador um facilitador da construção de enunciados entre professor e aluno, com objetivos claros de comunicação, nascidos do estabelecimento da “conversa” entre professor e aluno. Além disso, deve-se considerar a natureza intersubjetiva deste discurso. Para Benveniste (2005, p.26) “a situação inerente ao exercício da linguagem que é a da troca e do diálogo, confere ao ato do discurso dupla função: para o locutor, representa a realidade; para o ouvinte, recria a realidade. Isso faz da linguagem o próprio instrumento da comunicação intersubjetiva.”.

Todavia, o questionamento que norteia esta pesquisa, apresentada neste resumo como fragmento inicial, questiona se de fato o aluno toma para si o papel de “eu” e responde ao “tu” projetado no professor, ou estabelece um terceiro na relação dialógica professor-aluno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O bilhete orientador é uma ferramenta de avaliação textual-interativa eficiente. Através dele, o professor constrói um enunciado que tem por objetivo instruir o aluno à reescrita através de estratégias de persuasão. Contudo, não se sabe se o aluno, em sua reescrita, consegue interpretar essas instruções, mantendo o diálogo com o professor, através da troca de sujeitos do discurso. Portanto, em virtude de a pesquisa estar em processo de construção, não possuímos ainda considerações finais.

REFERÊNCIAS:

BENVENISTE, E. Problemas de linguística geral I. 4.ed. São Paulo: Nacional, 2005.

FIORIN, J.L. Pragmática. In: J. L. FIORIN (org.), Introdução à linguística: princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2003.

RUIZ, Eliana Maria Severino Donaio. Como se corrige redação na escola. Campinas: UNICAMP, 1998, p. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Linguística),

IV SEMANA DO CONHECIMENTO

COMPARTILHANDO E FORTALECENDO
REDES DE SABERES

6 A 10 DE NOVEMBRO DE 2017



Instituto de Estudos da Linguagem. 307f. Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 1998. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000136078>>. Acesso em: 07 jul. 2017.

NÚMERO DA APROVAÇÃO CEP OU CEUA (para trabalhos de pesquisa): Número da aprovação.

ANEXOS:

Poderá ser apresentada somente uma página com anexos (figuras e/ou tabelas), se necessário.